

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO: OS TRÊS
MUNICÍPIOS GÊNESE

Eduardo Pessoa de Queiroz (UnB)

Marília Steinberger (UnB)

A Formação Histórica da Região do Distrito Federal e Entorno: os três municípios gênese

O sítio geográfico no qual foi implantada a cidade de Brasília estava destinado à região do Planalto Central desde a Constituição de 1891. Costumeiramente, considera-se que esse sítio foi implantado em um verdadeiro vazio e a história da região começaria com o surgimento de Brasília. Porém, cidades como Pirenópolis, Luziânia e Formosa antecedem à implantação da Capital. Na atualidade, essas localidades, juntamente com outros 19 municípios e o próprio Distrito Federal (DF) formam uma região polarizada por Brasília, institucionalizada como Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE. Essa região, mesmo tendo ações incipientes, pode ser percebida como uma possibilidade de compreensão da realidade do DF e os municípios vizinhos. Nesse contexto, Pirenópolis, Luziânia e Formosa possuem uma importância histórica ímpar, pois foram territórios utilizados na mineração e pela agropecuária, sendo elementos imprescindíveis para a ocupação do Planalto Central. Assim, este trabalho analisa o processo de formação histórica da região do DF e Entorno, tendo como objetivo desmistificar a idéia de que Brasília foi implantada em um vazio. Para tanto, a análise parte da gênese dos municípios citados que formam a RIDE.

A Formação Histórica da Região do Distrito Federal e Entorno: os três municípios gênese

INTRODUÇÃO

Em 1955, foi escolhido o sítio geográfico no qual foi implantada a nova Capital da República brasileira, a cidade de Brasília. A escolha foi decidida pela Comissão de Localização da Nova Capital depois de vários estudos que objetivavam dar subsídios para a escolha da melhor área possível para sua instalação. Entre esses vários estudos, começados ainda no século XIX, destacam-se os relatórios Cruls e Belcher, produzidos por comissões que foram realizadas em períodos diferentes da história republicana do país¹. Assim, erguia-se a Capital no centro do Brasil, como era o anseio de vários brasileiros, e também de alguns portugueses, ao longo de dois séculos. Porém, a cidade de Brasília foi implantada em uma área que, séculos antes, já esboçava um importante papel na história do país - a região do Planalto Central.

Essa região faz parte de uma unidade geomorfológica do relevo brasileiro, denominada de Planalto Central Brasileiro e envolve o território do Distrito Federal – DF, o estado de Goiás, atingindo a fração sul do Tocantins e parte de Minas Gerais, além de possuir vestígios na Bahia e Mato Grosso². Porém, essa é uma regionalização que parte de critérios geomorfológicos e não de fundamentos socioespaciais. Com o passar dos anos, a denominação Planalto Central Brasileiro foi associada à região da mineração, que desde o fim do século XVII e início do XVIII era explorada.

O início da ocupação na região ocorreu com a exploração aurífera, em minas e rios, na qual foi responsável pelo surgimento de algumas localidades, como é o caso das atuais cidades de Pirenópolis, Luziânia, Goiás e Flores, todas, na atualidade, situadas no atual território de Goiás. Não obstante, outras fontes econômicas surgiram ao mesmo tempo em que se desdobrava o ciclo da mineração, ou seja, uma espécie de alternativa para a exploração aurífera. Foi o caso da pecuária em Formosa. Os núcleos populacionais citados, que surgiram em decorrência das atividades econômicas da mineração e pecuária, fazem parte da vasta região do Planalto Central, caracterizando, portanto, a existência de alguns núcleos nos arredores do sítio escolhido para abrigar Brasília.

Esse artigo tem como objetivo analisar a formação histórica de parte da região do Planalto Central, ou seja, a fração recém institucionalizada Região Integrada de

Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE, região polarizada por Brasília³ e que teoricamente deveria ter como princípio diminuir as discrepâncias sociais e econômicas entre as localidades do Entorno e o Distrito Federal. Com isso, a finalidade é desmistificar a alegação de que o sítio geográfico de Brasília foi implantado em um verdadeiro vazio. Para tanto, considera-se que o território dos atuais municípios de Pirenópolis, Luziânia e Formosa, historicamente, constituem a gênese dessa nova região, aqui representada pela RIDE. Assim, é necessário compreendê-la em um contexto mais amplo, o que significa observar o uso que tem sido feito do território da Região do Planalto Central ao longo de três séculos de ocupação, isso implica considerar as três localidades mencionadas o ponto de partida do processo de formação histórico dessa nova região. Todos os outros municípios dessa se desmembraram das três localidades mencionadas⁴. Essa análise será apresentada em duas sessões: primeiramente, com uma breve caracterização demográfica e social da RIDE e, posteriormente, uma reflexão sobre o processo de formação da região.

I - BREVE CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO

A cidade de Brasília foi inaugurada em 1960 e a constituição do território do Distrito Federal, resultou do desmembramento dos territórios de Luziânia, Formosa e Planaltina de Goiás, o qual já é um desmembramento de Formosa. Além desses, na época da inauguração, Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Abadiânia, Alexânia, Cristalina, Cabeceiras e Unaí, que fazem parte da RIDE, já existiam. Assim, a Capital do país, quando implantada, contava com municípios vizinhos que surgiram em épocas diferentes e anteriores à sua transferência.

Antes da transferência, vários estudos foram realizados na região do Planalto Central Brasileiro objetivando encontrar uma área que possuísse um clima agradável e ameno, dotada de recursos hídricos fartos e um sítio geológico passível de assentar núcleos populacionais sem problemas com alagamentos, ou sem que fosse necessário implantar moradias em declives, proporcionando, assim, segurança aos habitantes. Após os estudos que culminaram com o relatório Belcher em 1954, os responsáveis pela construção da Nova Capital escolheram o sítio em que se implantou a cidade de Brasília. Contudo, ao desmembrar os municípios de Formosa, Planaltina de Goiás e Luziânia para assentar

Brasília, emergiu, paralelamente, um entorno, incluindo os outros municípios existentes. A Nova Capital do país, juntamente com os municípios pré-existent, no início da década de 1960, já constituíam o suporte embrionário de uma nova região dentro do Planalto Central, pois contava com uma população de mais de 300.000 habitantes, sendo 170.000 nos municípios do Entorno.

Após a inauguração de Brasília, houve um intenso crescimento populacional, principalmente nas duas primeiras décadas de existência, pois o número de habitantes no Distrito Federal, que, em 1960 era de 150.000 e passou para um total de mais de 530.000 habitantes em 1970. Isso significa que a população cresceu mais de três vezes no período. Em 1980, a população já estava em mais de 1.000.000 de habitantes. Esse crescimento não ficou limitado ao quadrilátero do Distrito Federal, visto que o número de pessoas que migraram para os municípios e núcleos urbanos do Entorno do DF também foi enorme, especialmente, na última década⁵. Em 2000, a população total da RIDE estava próximo a três milhões de habitantes.

TABELA 1 - POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE NA RIDE 1950-2000

MUNICÍPIO	ANO						
	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Abadiânia - GO		8.186	7.772	9.030	9.402	10.144	11.452
Água Fria de Goiás - GO					3.976	3.771	4.469
Águas Lindas de Goiás - GO							105.746
Alexânia - GO		8.022	9.390	12.116	16.472	18.623	20.047
Brasília - DF		154.728	537.492	1.176.908	1.601.094	1.821.946	2.051.146
Buritis - MG			9.810	15.429	18.417	19.796	20.396
Cabeceira Grande - MG							5.920
Cabeceiras - GO		3.120	4.056	4.993	6.464	5.973	6.758
Cidade Ocidental - GO						33.147	40.377
Cocalzinho de Goiás - GO						12.780	14.626
Corumbá de Goiás - GO	21.952	13.713	18.439	20.212	19.663	8.643	9.679
Cristalina - GO	5.333	9.165	11.600	15.977	24.937	28.262	34.116
Formosa - GO	23.273	21.708	28.874	43.297	62.982	68.704	78.651
Luziânia - GO	19.657	27.444	32.807	92.817	207.674	242.522	141.082
Mimoso de Goiás - GO					3.750	2.584	2.801
Novo Gama - GO							74.380
Padre Bernardo - GO			8.381	15.855	16.500	16.879	21.514
Pirenópolis - GO	22.430	26.494	32.065	29.329	25.056	24.717	21.245
Planaltina - GO	7.335	6.123	8.972	16.178	40.201	58.576	73.718
Santo Antônio do Descoberto - GO					35.509	107.672	51.897
Unai - MG	28.860	45.975	52.303	67.885	69.612	73.664	70.033
Valparaíso de Goiás - GO							94.856
Vila Boa - GO						2.720	3.287
Total	128.840	324.678	761.961	1.520.026	2.161.709	2.561.123	2.958.196

Fonte: IBGE - Censos populacionais (1950-2000)

Paralelo a isso houve um crescimento do número de municípios na região, culminando na fragmentação territorial ocorrida, principalmente, na década de 1990. Em

1950, existiam apenas sete municípios na região, em 1980 o número era de 13, porém, no início do milênio, o total chegou a 22 municípios e o Distrito Federal. A ocupação e o uso do solo para fins urbanos deu-se de forma descontrolada, o que refletiu, e ainda reflete nos dias atuais, na condição social de vida diferenciada entre as pessoas residentes no Entorno e no Distrito Federal, no que se refere ao acesso à saúde, educação e renda. Em 2000, as diferenças na qualidade de vida da população da RIDE diminuíram em relação à década anterior, como verificado na tabela 2. Porém, alguns municípios ainda possuíam um índice de desenvolvimento humano abaixo de 0,70, ou seja, índice próximo aos encontrados nos estados mais pobres do Norte e Nordeste do país. Em contraposição, Unai e o Distrito Federal possuíam índices considerados altos nessa pesquisa.

Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano - RIDE 1991/2000

Município	IDH 1991	IDH 2000
Abadiânia	0,65	0,72
Água Fria de Goiás	0,6	0,7
Águas Lindas de Goiás	0,63	0,72
Alexânia	0,62	0,7
Brasília (DF)	0,8	0,84
Buritis	0,62	0,73
Cabeceira Grande	0,64	0,73
Cabeceiras	0,64	0,7
Cidade Ocidental	0,76	0,8
Cocalzinho de Goiás	0,61	0,7
Corumbá de Goiás	0,65	0,72
Cristalina	0,69	0,76
Formosa	0,7	0,75
Luziânia	0,68	0,76
Mimoso de Goiás	0,6	0,66
Novo Gama	0,66	0,74
Padre Bernardo	0,62	0,71
Pirenópolis	0,64	0,71
Planaltina	0,64	0,72
Santo Antônio do Descoberto	0,66	0,71
Unai	0,68	0,81
Valparaíso de Goiás	0,74	0,8
Vila Boa	0,59	0,67

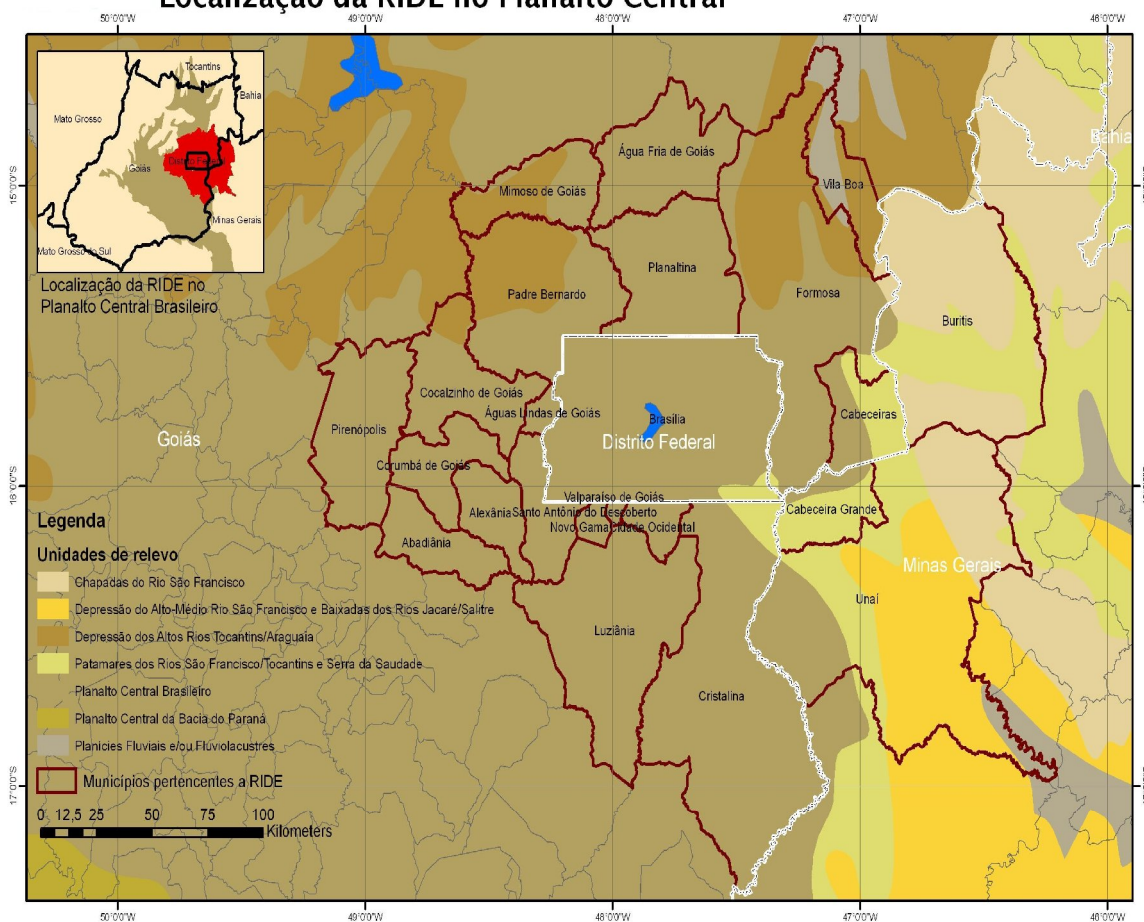
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2000

Ao fim dos anos 1990, na tentativa de promover intervenções integradas, os 22 municípios, o Distrito Federal e as unidades federativas de Goiás e Minas Gerais, foram instadas pela União a atuar conjuntamente, visando a diminuir as discrepâncias sociais e

econômicas que surgiram ao longo de quatro décadas entre essas localidades⁶. Assim, em 1998, institucionalizou-se a RIDE.

Nesse artigo, adota-se a RIDE como recorte espacial, embora seja preciso reconhecer que ela, como região institucionalizada, atue, até o presente momento, de maneira tímida e pouco articulada em relação aos seus objetivos. A RIDE interessa como uma possibilidade de entendimento da realidade de Brasília e dos municípios do Entorno, vistos no todo e, ao mesmo tempo, parte de unidades maiores, ou seja, o Planalto Central. Assim, a história dessa nova região não pode ser compreendida somente tomando a implantação de Brasília como marco ou do surgimento das regiões de planejamento que sempre visaram uma ação integrada. É preciso considerar o uso que era dado ao território antes de 1960, principalmente percebendo as características históricas das localidades que são anteriores à Capital da República.

Região Integrada de Desenvolvimento do DF e Entorno - RIDE Localização da RIDE no Planalto Central



II - O PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA REGIÃO

O início do processo de ocupação e uso do território brasileiro, e de outros do continente americano, se deu com a expansão comercial e territorial europeia do século XVI⁷. A busca por novos mercados comerciais era uma das razões das expedições que culminaram com o descobrimento da América e com o “achamento” do Brasil. Os países ibéricos tiveram uma grande vantagem nessa expansão, principalmente Portugal, em relação aos outros países do continente europeu. Os portugueses possuíam técnicas avançadas de navegação para época, como uma escola especializada em tecnologia naval e também um território que facilitava a locomoção pela navegação marítima. Entretanto, como afirma Fausto (2006, p.9), o expansionismo português foi possível porque “Portugal se afirmava no conjunto da Europa como país autônomo”, assim, detendo boas vantagens na exploração de novos territórios. O grande achado territorial para Portugal, na época, foram as terras que viriam a ser o Brasil colônia. O primeiro uso dado às terras encontradas em 1500 foi a exploração da madeira do pau-brasil. Porém, a intenção lusitana, nos primeiros anos de posse do novo território, era a de encontrar produtos mais valiosos, como o ouro e a prata, produtos esses que somente seriam descobertos, em grande escala para exploração, no século XVIII.

Entre o período dedicado à exploração da madeira e o início do ciclo da extração dos metais preciosos, o território brasileiro foi utilizado por portugueses e holandeses para a produção do açúcar. A plantação da cana-de-açúcar foi a primeira atividade econômica adotada no Brasil que gerou lucro e o interesse da Coroa Portuguesa⁸. A produção, no entanto, ficou limitada à zona costeira da colônia e poucas foram as capitanias hereditárias que obtiveram êxito na produção da cana, entre elas, destacou-se a de Pernambuco.

O ciclo econômico da cana durou até meados do século XVII no Brasil. A concorrência holandesa nas Antilhas provocou a deterioração do sistema açucareiro português no Brasil e das próprias finanças da metrópole lusitana. Assim, uma outra atividade econômica deveria surgir para suprir a lacuna deixada pela economia do açúcar. A mineração, principalmente do ouro, foi a solução encontrada pela Coroa Portuguesa para sanar os seus problemas financeiros e foi responsável pelo início de um processo: o de ocupação do território interiorano da colônia⁹. A exploração de minas de ouro se expandiu por uma grande fração do território brasileiro, alcançando as terras dos atuais estados de

Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Emergia, nesse momento, uma nova fonte econômica para Portugal, acompanhada da ocupação do interior da colônia e, conseqüentemente, do estabelecimento dos primeiros núcleos populacionais nessa região do país.

A ocupação efetiva de terras do atual estado de Goiás começou no início do século XVIII¹⁰ quando minas de ouro foram descobertas em toda região do Planalto Central. Naquela época, o território do estado de Goiás pertencia à capitania de São Paulo, fato que perdurou até 1748. Em Goiás, a concentração da extração do ouro se deu principalmente em Vila Boa, nos arraiais de Santa Cruz, Meia Ponte, Trayras, Crixás e Flores e Santa Luzia.

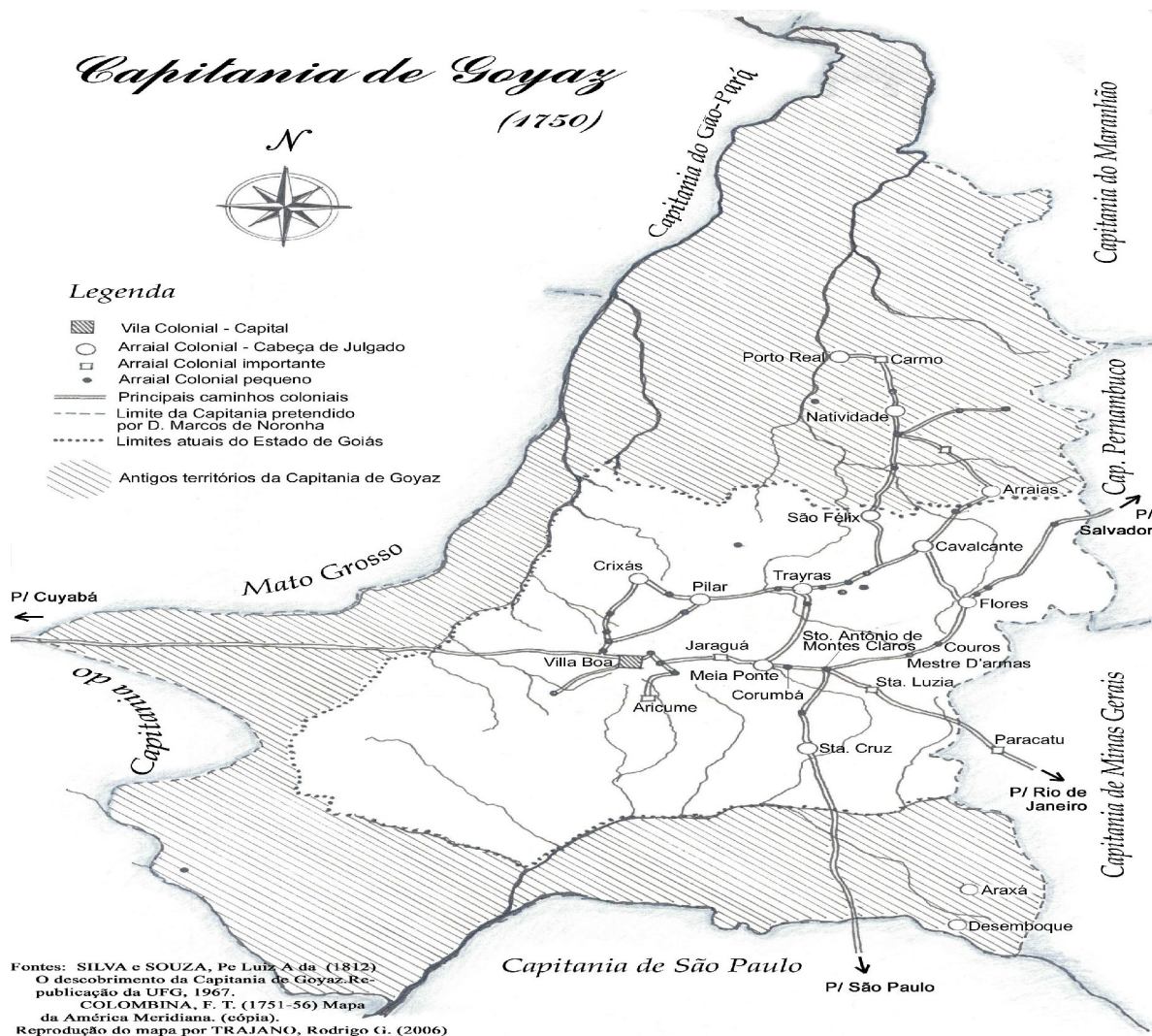
A dinâmica regional, resultado da economia aurífera, tem início no começo do século XVIII. Nessa dinâmica, algumas localidades exerceram importante papel na ocupação e no uso do território da região do Planalto Central, das quais os núcleos urbanos que originaram Pirenópolis, Luziânia e Formosa são exemplos¹¹. Esses se destacam pelas funções exercidas no ciclo da mineração em Goiás. A tabela 3 mostra a evolução estimada da população das localidades que deram origem à região. Nota-se que o número de habitantes variou, em cada período, também em razão dos ciclos econômicos implantados no território.

O mapa histórico da capitania de Goyaz em meados do século XVIII mostra os caminhos de escoamento da produção. Os núcleos de Meia Ponte, Santa Luzia e Couros eram lugares estratégicos para a dinâmica regional, pois eram entroncamentos importantes para o transporte da produção aurífera e também para a manutenção do sistema da mineração com produtos de subsistência.

Tabela 3: População Estimada dos Municípios

Município	Ano			
	1738	1804	1872	1910
PIRENÓPOLIS	1.800	6.173	13.194	9.351
LUZIÂNIA			6.071	9.698
FORMOSA		3.886	11.352	11.767

Fonte: Bertran (1978)



Pirenópolis – “avó de Brasília”¹²

A descoberta de ouro nas terras onde hoje está assentada a cidade de Pirenópolis, antigo arraial de Meia Ponte, é atribuída a Urbano do Couto Menezes, homem encarregado pelas buscas do metal na região do rio das Almas por Bartolomeu Bueno da Silva Filho - o Anhangüera filho. O arraial de Meia Ponte foi fundado por Manuel Rodrigues Tomar, no ano de 1731, época em que outras localidades já exploravam ouro, como é o caso de Vila Boa, hoje cidade de Goiás. Entretanto, o arraial não ganhou importância regional somente em razão das minas de ouro, mas também pela posição geográfica privilegiada para a época.

O ouro de Meia Ponte abundava às margens do rio das Almas, como afirma Carvalho (2003, p.10) o que tornou a mineração a principal atividade econômica no século XVIII no

arraial, refletindo também na constituição das suas formas urbanas. A configuração da cidade possuía objetos próprios do momento de prosperidade que a sociedade aurífera vivia naquele período em Meia Ponte. Casarões, igrejas, a própria pavimentação das ruas, as fazendas, entre outras construções, mostram a importância do ciclo do ouro para a configuração desse território e o valor social, histórico e econômico ainda existente para a localidade e a sua comunidade.

O arraial de Meia Ponte possuía outra peculiaridade, que era a de ser um ponto de ligação entre o norte e oeste da capitania para os portos da colônia. Essa função tornou o arraial o principal centro econômico de Goiás, segundo Bertran (2000). O autor afirma que a cidade não se tornou a capital da capitania de Goiás em meados do século XVIII por razões políticas e complementa (2000, p.97) que “Pirenópolis não deixou especial fama por suas lavras de ouro, mas logo se estabeleceu-se como ponto central das vias de comunicação das minas que todo ano brotavam em solo goiano e tocantinense”. Essa centralidade econômica desempenhada pelo arraial de Meia Ponte é o principal indício da sua importância regional, seja como entroncamento para o escoamento da produção aurífera ou elemento organizador das ações no território. Porém, as minas de ouro e a importância regional se perderam no século posterior.

O século XIX foi marcado por novos usos no território em Meia Ponte. Isso não significa que a mineração tenha desaparecido completamente, contudo, a intensidade da produção teve uma queda drástica. O comércio se tornou uma alternativa, juntamente com as lavouras da cana-de-açúcar e do algodão. Paralelamente à troca de usos do território, verificou-se uma diminuição considerável da população, a qual estava em torno de 6.000 habitantes no início desse século. Em 1872 a população chegou a um número próximo de 13.000 pessoas, ou seja, mais do que dobrou o número de habitantes. Porém, o arraial de Couros, no mesmo período triplicava a sua população. Meia Ponte deixava de ser atrativa para muitas pessoas e para os agentes transformadores do espaço. Entre a segunda metade do século XIX até meados do século XX foi o período de declínio do município de Pirenópolis, principalmente com o surgimento de novos centros concentradores de capital e investimentos no estado de Goiás, como foi o caso dos municípios de Anápolis e Goiânia. Essas localidades passaram a concentrar riquezas e organizar o território produtivo em Goiás. O antigo arraial de Meia Ponte deixava de ser o centro econômico para ser o um

resquício do passado aurífero da região.

Pirenópolis somente voltou a ter um novo ânimo com o surgimento de Brasília na região, na segunda metade do século XX. O antigo arraial tornou-se um ponto turístico atrativo para a população da capital e arredores. As novas funções atribuídas aos objetos naturais e os artificializados, transformaram o uso dado ao território e a sua configuração. Muitos objetos feitos para a produção aurífera e o posterior ciclo agropecuário tornaram-se, na atualidade, formas que são atrativos para as atividades turísticas. O turismo é uma das principais atividades econômicas da localidade, que não sofreu com o “fenômeno” do crescimento populacional como os outros da região. Isso talvez se explique pela distância entre o Distrito Federal e a cidade, a qual ultrapassa os 150 quilômetros.

Luziânia e a mineração tardia

A busca por minas auríferas também foi a razão para o surgimento do arraial de Santa Luzia, núcleo que originou o município de Luziânia. O arraial foi fundado em 1746, diferentemente dos outros núcleos mineradores da época que surgiram pelo menos 20 anos antes, por Antônio Bueno de Azevedo que partiu de Paracatu - hoje uma cidade do estado de Minas Gerais - na busca por novas minas de ouro. O fundador solicitou, logo após a descoberta das minas e da fundação do arraial, guardamoria¹³ à capitania de São Paulo, o que lhe proporcionou poderes de administração e repartição de lavras. Porém, com a notícia da descoberta, um grande movimento migratório se direcionou para a localidade.

A construção de objetos no território para a mineração gerou bons rendimentos aos possuidores de lavras. Um bom exemplo é o rego d' água de Saia Velha, construção que possuiu mais de 42 quilômetros de extensão - indo desde o ribeirão Saia Velha, próximo à atual região administrativa de Santa Maria, no Distrito Federal, até as proximidades da igreja do Rosário, em Luziânia - e tinha por finalidade levar água para a apuração do ouro. Foram necessários mais de três anos de trabalho para a construção do rego d' água, cuja principal mão-de-obra era escrava.

O ciclo da mineração durou, aproximadamente, pouco mais de meio século, como ocorreu em outras localidades da região. A agropecuária tornou-se a alternativa econômica e a nova forma de uso do território. A esse respeito Meireles (1996, p.36) afirma que “À medida que o ouro ia-se escasseando, paralelamente começava a surgir, como alternativa, a

economia baseada na agricultura e na pecuária”. Esta, principalmente a bovina, obteve uma certa importância para a localidade no século XIX, mas não rivalizava com a produção do arraial de Couros. Contudo, as mudanças não ficaram restritas ao uso do território. Um grande contingente populacional migrou para outras regiões. Segundo informações de Bertran (2000, p.123) “Em 1763 houve um recenseamento populacional no julgado de Santa Luzia, de que teve conhecimento Joseph de Melo: havia no julgado 16.529 pessoas, contando-se aí 12.900 cativos”. O auge populacional foi também o período de maior pico na produção aurífera. Depois disso, muitas pessoas emigraram para arraiais próximos de Santa Luzia, como foi o caso do arraial de Couros. Uma constatação é que em 1872 aquele arraial possuía, aproximadamente, 6.000 habitantes, ou seja, menos da metade do que Couros, que possuía mais de 13.000.

Santa Luzia se transformou em vila em 1833. A mudança de nome para Luziânia somente ocorreu em 1943. Depois da mineração; da agropecuária, que foi a forma de uso das terras da vila no século XIX; somente o surgimento de Brasília gerou grandes transformações na localidade. A população do município de Luziânia cresceu de 19.657 habitantes no ano de 1950 para 242.522 em 1996, ou seja, a localidade cresceu 12 vezes. Esse crescimento é um dos aspectos das transformações nos últimos 46 anos, desde a inauguração de Brasília. Outra mudança ocorrida foi no próprio território do município, pois esse foi desmembrado várias vezes, dando origem aos municípios de Padre Bernardo, Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Novo Gama, Valparaíso de Goiás. Diferentemente, Águas Lindas de Goiás e Mimoso são desdobramentos indiretos de Luziânia. Cristalina também fazia parte do território municipal de Luziânia, porém, seu desmembramento ocorreu no início do século XX, ou seja, bem antes da construção da nova capital.

O ciclo do ouro no país não durou mais de um século. Já por volta de 1780, a produção aurífera tinha diminuído drasticamente. As localidades exploradoras do ouro entraram em um processo de decadência econômica, o que proporcionou grande emigração para outras regiões do país e do próprio Planalto Central. Outras formas de uso do território foram implantadas e a agropecuária tornou-se uma das poucas soluções ao êxodo das vilas e arraiais da região. Em alguns desses núcleos populacionais, a decadência econômica durou

mais de dois séculos. Em alguns casos, o fato que veio a modificar o contexto socioeconômico do Planalto Central, no pós-mineração, foi a implantação da Nova Capital da república na região.

Como foi mencionado anteriormente, a região do Planalto Central não possuía a mineração como única atividade econômica nos séculos XVIII e XIX. O Arraial de Couros, por exemplo, possuía uma função comercial importante para toda a região, pois além de ser um entreposto comercial, era entroncamento por onde passavam as tropas e caravanas, em direção ao Nordeste e Sudeste do país e ainda abastecia algumas localidades com criação de bovinos.

Formosa e a pecuária

O surgimento do arraial de Couros ainda é um mistério. São variadas as hipóteses sobre o núcleo populacional que originou o arraial, além do que a mineração não teve a mesma importância na origem e desenvolvimento desta localidade. Na verdade, a relação entre o ciclo da mineração na região do Planalto Central e Couros esteve ligada ao caminho para a Bahia e Rio de Janeiro, principalmente no transporte dos metais para os portos dessas cidades. A produção aurífera saía de arraiais e vilas como Meia Ponte e Vila Boa, respectivamente. O núcleo primitivo de Formosa também era caminho para o restante do Sudeste do país, principalmente para aqueles que ocupavam o norte da capitania de Goiás. Esse era um uso que foi anterior ao arraial de Couros e continuou depois do surgimento.

Outro uso do território, anterior ao surgimento do arraial, foi a pecuária. A expansão da pecuária nordestina nas primeiras décadas do século XVIII teria alcançado a margem esquerda do Rio São Francisco, como afirma Bertran (2000). O autor vai mais longe e chega a afirmar que os fazendeiros moradores das terras novas chegaram até as proximidades de Formosa e somente não se estabeleceram na região devido às violentas lutas contra os índios Acroá-açu. Ainda segundo o autor, quando Anhangüera Filho chegou à região em 1722, percebeu indícios da presença dos fazendeiros do gado, ou seja, vestígios de sua presença no local e de uma atividade que seria reimplantada, posteriormente, no território de Couros.

Apesar de toda essa história, o surgimento do arraial de Couros não está relacionado, diretamente, aos vestígios de gado encontrados por Anhangüera Filho. O indício mais forte

de seu surgimento está relacionado ao extinto arraial de Santo Antônio do Itiquira. Nos estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - em 1958 (p.168) intitulado de Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, afirma-se que “Nos meados do século XVIII um povoado cresceu logo abaixo da embocadura do Itiquira com o Paranã: o arraial de Santo Antônio”. Porém, o local, que não ficava longe do registro da Lagoa Feia¹⁴, era insalubre. Muitas pessoas que lá residiam morreram em razão de febres, provavelmente, a amarela. A enciclopédia (p.168) ainda afirma que “Dizimados pelas febres, os habitantes pereciam às centenas, anualmente. Transferiram-se, então, para o local onde vinham mercenciar, surgindo assim o arraial dos Couros, primitivo nome de Formosa (1736-1750)”. O local destinado ao comércio era, também, onde os tropeiros que transitavam pelas picadas tiravam “pouso”, ou seja, descasavam das longas viagens. Outros autores, como Chauvet (2005) atribuem o surgimento do arraial à ocupação da área por negros, talvez libertos pelos patrões ou remanescentes de quilombos.

O Arraial de Couros não possui uma data de fundação precisa, porém, se estabelece o ano de 1749. Entretanto, a fixação dos homens brancos ocorreu alguns anos antes. Chauvet (2005, p.156) afirma que “os primeiros homens brancos que comprovadamente vão morar na região de Formosa e DF estão relacionados com a política de Sesmarias”, que eram verdadeiras concessões de terras à famílias que possuíam o principal objetivo de explorá-las com a criação de gado e a lavoura de gêneros para a subsistência. Dessa forma, iniciava-se o processo de ocupação do solo do atual Distrito Federal e de Formosa e também começava a distribuição de terras por parte do Estado na região, fato que não se modificou muito nas últimas décadas. O primeiro sesmeiro em terras do DF foi Manoel Barros Lima, nas terras ao norte do Plano Piloto. Em Formosa, antes de 1739, Manoel d’ Almeida obtinha duas licenças de sesmarias, ou seja, já ocupava a região antes do surgimento do arraial. Percebe-se que, diferentemente de Pirenópolis e Luziânia, em Formosa, a constituição do território seguiu motivações econômicas distintas. As sesmarias, que se tornaram as grandes fazendas da região, seriam mais bem sucedidas do que as minas de ouro, pois a sua estrutura, na atualidade representada pelos latifúndios, perdura. Em 250 anos, as técnicas e as tecnologias mudaram, mas a forma de exploração dessas terras, a maneira de obter riquezas, não se transformou por completo.

No século XIX, o povoado de Couros passou por algumas transformações. Houve um incremento populacional, principalmente de pessoas que emigraram de localidades mineradoras em decadência, como foi o caso de Santa Luzia. No início desse século, o número de habitantes era pouco menos de 4.000 e triplicou em menos de 70 anos para 13.000. Isso se explica, também devido, à chegada de imigrantes do sul do país, da Bahia e também de Paracatu, como afirma Bertran (2000). Atribuiu-se à distribuição de sesmarias e à conseqüente constituição de fazendas o início da atração populacional e da intensificação do uso do território na região.

Couros passou por mudanças políticas e territoriais no decorrer do século XIX. Em 1833, o arraial foi considerado Julgado independente. Em 1843, ganha o *status* de vila e troca de nome para Vila Formosa da Imperatriz. Em 1877, foi elevado à categoria de cidade e tornou-se apenas Formosa com o fim do império. Do território de Formosa foram desmembrados Planaltina de Goiás, no século XIX e Cabeceiras de Goiás em 1958. Água Fria de Goiás e Vila Boa surgiram indiretamente do território de Formosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Planalto Central teve, no século XVIII, um importante papel na história do país, pois o seu território foi transformado pela dinâmica regional oriunda da mineração do ouro. Essa atividade econômica foi responsável pelo surgimento de várias localidades em toda região, inclusive Pirenópolis e Luziânia, núcleos que no século XX, após a implantação de Brasília no Planalto Central, formariam a região do Distrito Federal e Entorno. Alguns outros núcleos surgiram por outras razões econômicas, como é o caso de Formosa uma das localidades precursoras da produção bovina na região.

As três localidades mencionadas tiveram importantes funções na dinâmica regional do Planalto Central. No século XVIII, Pirenópolis e Luziânia foram responsáveis por parte da produção aurífera da capitania de Goiás. Formosa, por sua vez, tinha na produção bovina a sua principal função. Paralelo a isso, Pirenópolis exercia a função de centro econômico de toda a capitania e as outras duas localidades eram estratégicos caminhos para o escoamento da produção para os portos das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Todas essas características são exemplos das funções exercidas por essas três localidades.

O ciclo da mineração, porém, durou, efetivamente, um século. Após esse ciclo, a região do Planalto Central entrou em decadência econômica e conseqüentemente perdeu em importância para a economia do país. O fato que mudaria o quadro regional foi a implantação da Capital da República na região no século XX. O surgimento de Brasília deu um novo ânimo a essas localidades, que passaram a ter uma relação direta com a Capital, seja com a chegada de migrantes para toda região, pelo abastecimento dos mercados de Brasília com gêneros alimentícios, pela mão-de-obra residente no Entorno que utiliza essas localidades como dormitório ou pelo uso dos equipamentos urbanos, como os hospitais públicos. Entretanto, cabe salientar que a história do uso da terra na nova região, dentro do Planalto Central, não se inicia com a implantação da Nova Capital. Na verdade as localidades que já existiam foram territórios bastante utilizados no passado. Com o surgimento de Brasília essas tornaram-se um suporte embrionário para o aparecimento dessa nova região, com características metropolitanas e hoje institucionalizada como RIDE.

Nesse contexto, o que se pode compreender é que a região do Distrito Federal e Entorno, mesmo possuindo localidades com características sociais, territoriais e econômicas díspares e sendo institucionalizada como uma região polarizada por Brasília, que até o presente momento agiu de forma incipiente em relação aos problemas comuns das localidades, possui uma história anterior à Capital do país. A história da região não pode partir da implantação da Nova Capital, mesmo sendo ela a principal responsável pelas transformações ocorridas após 1960. Dessa maneira, não há sentido em considerar que o Entorno do DF é um problema para Brasília, como constantemente é vendida a imagem pela mídia e por parte da população que se baseia no senso comum. Na verdade, é no Entorno que está a gênese dessa nova região dentro do Planalto Central. Pirenópolis, Luziânia e Formosa são o marco inicial dessa região pela importância que tiveram ao longo de quase três séculos como produtores, como centro de afluxo populacional e como entroncamento para o escoamento da produção. Esses também são relevantes por serem os núcleos que formaram todos os outros municípios da região, excluindo a fração mineira da RIDE.

BIBLIOGRAFIA

- BERTRAN, P. História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal – Do indígena ao colonizador. Brasília: Editora Verano, 2000.
- _____. Formação Econômica de Goiás. Goiânia: Oriente, 1978.
- CAIADO, M. C. S. “A Migração Intrametropolitana e o Processo de Estruturação do Espaço Urbano na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e do Entorno”. In: DANIEL, J.H. (Org.) et al. Migrações e Ambiente nas Aglomerações Urbanas. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2001.
- CARVALHO, A. Pirenópolis: coletânea 1727-2000. História, Turismo e Curiosidades. Pirenópolis: Kelps, 2003.
- CHAUVET, G. Brasília e Formosa 4.500 anos de História. Goiânia: Kelps, 2005.
- CODEPLAN - COMPANHIA DO DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL. O relatório técnico sobre a nova capital da república – Relatório Belcher. Brasília: CODEPLAN, 1984.
- FAUSTO, B. História Concisa do Brasil. São Paulo: Edusp, 2005.
- FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1998.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Brasília: IBGE, 1958.
- MEIRELES, J. D. “Do Arraial de Santa Luzia à Luziânia de Hoje”. In: História do Planalto – Coletânea. Luziânia: Academia de Letras & Artes do Planalto, 1996;
- MORAES, A.R.C. As bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO. *Brasília e sua Região Polarizada*. Brasília, 2003.
- SENADO FEDERAL. Relatório Cruls: (relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil)/ Luiz Cruls. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.
- QUEIROZ, E. P. A migração intrametropolitana no Distrito Federal e Entorno: o conseqüente fluxo pendular e o uso dos equipamentos urbanos de saúde e educação. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu – MG, ABEP, 2006.

¹ A comissão Cruls foi criada em 1892, visando delimitar um quadrilátero no qual seria o território da nova capital. Já a comissão Belcher, elaborado pela empresa Donald J. Belcher and Associates foi contratada pelo poder executivo e responsável pela escolha do sítio definitivo, fato que ocorre em 1954.

-
- ² Caracterização segundo critérios geomorfológicos do IBGE.
- ³ Segundo o estudo da Secretaria de Planejamento e Coordenação do Governo do Distrito Federal intitulada **Brasília e sua região polarizada**.
- ⁴ A exceção são os municípios mineiros que formam a região do Distrito Federal e Entorno, que possuem como localidade mãe a cidade de Paracatu. São eles Unai, Buritis e Cabeceira Grande.
- ⁵ Segundo informações de Caiado (2004) e Queiroz (2006).
- ⁶ De fato, essa não é a primeira tentativa de integrar o Distrito Federal com seus municípios vizinhos, na medida em que no ano de 1974, a União implantou o Programa Especial para a Região Geoeconômica de Brasília - PERGEB. Outra tentativa de ação conjunta surgiu com a criação da AMAB – Associação dos Municípios Adjacentes à Brasília em 1979. Ambas tentativas não obtiveram o êxito esperado.
- ⁷ Segundo Antonio C. R. Moraes, esse foi o “Longo” século XVI, que teve início em 1460 e perdurou até 1640.
- ⁸ Conforme afirma Furtado (1998).
- ⁹ Mesmo tendo ocorrido bandeiras e entradas no interior da colônia antes do ciclo do ouro surgir, não devemos considerá-las um processo de interiorização, pois não houve grandes fixações de núcleos populacionais. Nem mesmo o caso da pecuária nordestina, que chegou até as nascentes do rio São Francisco, não teve, em um primeiro instante, o mesmo impacto que o ciclo do ouro teve para todo o centro do país.
- ¹⁰ Algumas expedições foram realizadas no final do século XVII, principalmente as lideradas por Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera Pai.
- ¹¹ Além dos arraiais de Meia Ponte, Santa Luzia e Couros, é preciso fazer referência à Vila Boa, e a outros arraiais, como Crixás, Pilar, Santa Cruz e Cavalcante, que exerceram importantes funções para o desenvolvimento do ciclo aurífero na capitania de Goiás.
- ¹² Expressão cunhada por Bertran (2000, p.110).
- ¹³ A pessoa que detinha a guardamoria em um arraial ficava encarregada de distribuir as minas para produção ou a ocupação de terras.
- ¹⁴ Segundo informações de Bertran (2000).